

# TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA COMO TECNOLOGIA SOCIAL: AVANÇOS E DESAFIOS

Neide Emy Kurokawa e Silva [\*]

Cesar Augusto Paro[\*\*]

Miriam Ventura da Silva [\*\*\*]

---

[\*] Doutora em Ciências da Saúde, Professora Adjunta do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva – IESC – UFRJ

[\*\*] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva – IESC – UFRJ

[\*\*\*] Doutora em Saúde Pública, Professora Adjunta do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva – IESC – UFRJ

## Resumo

Os pressupostos da Terapia Comunitária identificam-se com os da tecnologia social, cujos horizontes democráticos visam atender a demandas sociais, com construção dialógica e coletiva de conhecimentos e de proposição de soluções, sendo sustentável e apropriada pelos beneficiários. Visando apreender como são exploradas as pretensões emancipatórias desta prática integrativa, procedeu-se à revisão de literatura na base Scielo, em janeiro de 2019, com o termo “terapia comunitária”, obtendo-se 26 textos. Nenhuma das publicações a apresentou como uma tecnologia social, sendo utilizados os termos: tecnologia de cuidado, tecnologia de baixo custo, tecnologia de escuta e acolhimento e tecnologia psicossocial. As publicações enfatizaram a contribuição desta prática para a autonomia e valorização dos participantes e para a melhoria das relações interpessoais com familiares e amigos, pouco se explorando iniciativas coletivas geradas no grupo para fazer face a problemas de origem notadamente social ou programática. Pela sua origem e pelo fato de grande parte dos relatos situarem-se no campo da saúde mental, compreende-se que a Terapia Comunitária Integrativa enfatize a tônica no indivíduo, mas, no escopo do SUS e da saúde coletiva, indaga-se sobre as possibilidades e importância de se aproveitar o potencial dessa tecnologia, com vistas à emancipação social.

**Palavras-chave:** tecnologia social. Práticas integrativas e complementares em saúde. Terapia comunitária integrativa. Práticas populares de cuidado. Emancipação social.

## Introdução

Os debates em torno da tecnologia social inserem-se no chamado *movimento pela tecnologia social* e partem da crítica em relação ao modo de produção e disseminação da ciência e da tecnologia, alinhadas primordialmente a interesses econômicos, advogando que o desenvolvimento científico e tecnológico deve promover a inclusão social (DAGNINO, 2010).

A terminologia tecnologia social é caudatária da noção de tecnologia apropriada, dos anos 1960, e, embora possa ter finalidade semelhante, de servir aos excluídos do contexto de produção tecnológica, prevê a sua ativa participação nos processos de construção e na sua apropriação. Contrapõe-se ao caráter verticalizado, paternalista e assistencialista das chamadas tecnologias apropriadas, concebidas por *experts* e apenas “incorporadas” pelos destinatários.

A abordagem prevista para a tecnologia social recusa essa determinação verticalizada e valoriza o protagonismo de indivíduos e comunidades no processo de desenvolvimento tecnológico para solução de seus problemas, incorporando não apenas o conhecimento científico no seu sentido estrito, mas também a sabedoria popular. Ou seja, desloca-se o sentido de “transferência” de tecnologias para o de “construção coletiva” de tecnologias.

Com esse mote, as tecnologias sociais podem ser definidas como o “conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida” (ITS, 2004, p. 130).

As iniciativas que se alinham ao ideário da tecnologia social envolvem diferentes atores e pautas, que incluem desde a sensibilidade das ações de ensino e pesquisa às demandas sociais até a indução e incentivo de projetos locais com potencialidades de se conformarem como tecnologias sociais (NEDER, 2008).

Os princípios éticos e políticos que sustentam as proposições em torno da tecnologia social tem se disseminado por diferentes campos do conhecimento e áreas sociais, buscando responder, dentre outros, a problemas como os relativos à geração de renda, educação, meio ambiente e recursos hídricos.

A saúde também tem sido uma área que desenvolve número significativo de iniciativas com a designação de tecnologia social, expressas tanto por produtos quanto por serviços. No contexto do ideário da Reforma Sanitária, que culminou nas diretrizes e princípios constitucionais do Sistema Único de Saúde, é clara a relevância de ações sob o ideário da tecnologia social, ainda que não assumidas na sua radicalidade e alinhadas pontualmente a alguma de suas dimensões.

Reconhecendo o valor e pertinência dos trabalhos já identificados como tecnologia social na saúde, o presente texto emerge do interesse em perscrutar outras ações que, embora não identificados explicitamente com o conceito, teriam vocação para tal.

Postula-se que muitas das ações de promoção da saúde e de prevenção de doenças que fomentam a participação, o pensamento crítico e a produção coletiva de conhecimento em busca de soluções para questões da vida prática, poderiam ganhar força ao alinharem-se como tecnologia social.

Uma consolidada iniciativa com tais características parece ser a Terapia Comunitária Integrativa (TCI). Esta modalidade de cuidado foi criada há mais de 20 anos por um médico brasileiro, a partir da identificação do sofrimento psíquico vivido pelos moradores de uma comunidade pobre no Ceará. Ao invés do atendimento clínico psiquiátrico clássico para o qual foi demandado, o médico optou por reunir esses moradores, a fim de levantar, discutir e levantar soluções para os seus problemas, inaugurando a TCI (BARRETO, 2008). Trata-se de uma tecnologia ancorada na psicologia sistêmica, na educação popular e na antropologia, em intensa interação com a população e os movimentos sociais locais. Os pressupostos da TCI parecem ter grande congruência com os da tecnologia social, cujos horizontes democráticos visam atender a demandas sociais, a partir da construção dialógica de conhecimentos e de proposição de soluções, gerando a apropriação pelos beneficiários e sua sustentabilidade.

Em março de 2017, esta prática foi incluída à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único de Saúde (SUS), por meio da Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Tendo como elementos fundamentais o saber produzido pela experiência de vida de cada um e o conhecimento tradicional, esta é compreendida como uma “prática terapêutica coletiva que envolve os membros da comunidade numa atividade de construção de redes sociais solidárias para promoção da vida e mobilização dos recursos e

competências dos indivíduos, famílias e comunidades” (BRASIL, 2018, p. 121).

Este artigo tem como objetivo apreender as possíveis aproximações da TCI com a tecnologia social, a partir de como esta prática integrativa tem sido explorada na literatura acadêmica.

### **Percurso metodológico**

Procedeu-se à revisão da literatura sobre TCI com o intuito de identificar aspectos que se identificariam com os pressupostos da tecnologia social.

A base Scielo pareceu adequada à busca, considerando a concentração de publicações latino-americanas, em cujos territórios a noção de tecnologia social assume debate específico. Com uso do termo “terapia comunitária”, a pesquisa foi empreendida no mês de janeiro de 2019.

A busca resultou em 41 referências, sendo excluídas 15, por duplicidade. Para a análise do material, recorreu-se à estratégia metodológica desenvolvida pelo Instituto de Tecnologia Social – ITS Brasil, para acompanhamento e aprofundamento do conhecimento sobre tecnologia social, a partir de quatro dimensões (Quadro 1).

**Quadro 1** - Dimensões e características das tecnologias sociais

<b>DIMENSÕES</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
Conhecimento, ciência, tecnologia e inovação	Objetiva solucionar problemas sociais
	Atende a uma demanda social
	Prevê organização e sistematização
	Apresenta inovação
Participação, cidadania e democracia	Baseado em princípios democráticos e de cidadania
	Conta com metodologia participativa
	Preocupa-se com a disseminação e/ou reaplicação

Educação e aprendizado	Prevê processo pedagógico
	Incorpora diálogo entre saberes
	Propicia a apropriação da tecnologia
Relevância social	Mostra-se eficaz
	Preocupa-se com a sustentabilidade
	Potencializa a transformação social

Fonte: desenvolvido pelos autores a partir de ITS (2007).

A proposta do ITS Brasil permite elucidar mais que meros “componentes” estáticos de uma tecnologia social, podendo ser tomados dinamicamente sob os horizontes éticos e políticos democráticos, de igualdade social, de respeito aos direitos humanos e de transformação social que sustentam a noção de tecnologia social.

O único critério de inclusão utilizado foi abordar a terapia comunitária. Deste modo, foram incorporados à pesquisa todos os 26 artigos, e a leitura dos mesmos procurou deslindar elementos inspirados nas dimensões da tecnologia social propostas pelo ITS Brasil, a fim de identificar as aproximações da TCI à noção de tecnologia social. Procedeu-se com uma caracterização das publicações incluídas, para, então, ser realizada a discussão à luz dos referenciais da tecnologia social e educação popular. No Quadro 2, foram descritos todos os estudos incluídos neste estudo.

**Quadro 2 - TCI e dimensões da tecnologia social**

TÍTULO	ANO	REVISTA	LOCAL DA EXPERIÊNCIA	MENÇÃO À TECNOLOGIA	DIMENSÕES DA TECNOLOGIA SOCIAL CAPTADAS
Repercussões da terapia comunitária no cotidiano de seus participantes	2006	Revista Eletrônica de Enfermagem	João Pessoa/PB	Tecnologia do cuidado	Disseminação por equipes de saúde; baixo custo

Contribuições da terapia comunitária para o enfrentamento das inquietações de gestantes	2007	Revista Eletrônica de Enfermagem	João Pessoa/PB	Tecnologia do cuidado	Inovação no cuidado, contrapondo-se ao modelo biomédico
A saúde mental no Programa de Saúde da Família	2007	Revista Brasileira de Enfermagem	Teresina/PI	Não	-
Grupo Feliz Idade: cuidado de enfermagem para a promoção da saúde na terceira idade	2007	Revista da Escola de Enfermagem da USP	Fortaleza/CE	Não	-
Prática de Rastreamento no Cenário do Programa Saúde da Família em Sorocaba (SP)	2008	Revista Brasileira de Educação Médica	Sorocaba/SP	Não	-
A terapia comunitária como um novo instrumento de cuidado para saúde mental do idoso	2009	Revista Brasileira de Enfermagem	João Pessoa/PB	Tecnologia do cuidado; tecnologia de escuta e acolhimento	Mais um instrumento de trabalho para o cuidado
Terapia Comunitária: uma estratégia de saúde mental na atenção básica do município de São José dos Campos-SP	2009	Saúde e Sociedade	São José dos Campos/SP	Não	-
A terapia comunitária em um centro de atenção psicossocial: (des)atando pontos relevantes	2010	Revista Gaúcha de Enfermagem	João Pessoa/PB	Tecnologia do cuidado; tecnologia leve do cuidado; tecnologias terapêuticas; tecnologia de baixo custo; tecnologia em saúde	Inovação (atenção psiquiátrica); instrumento de trabalho; instrumento para inserção paciente psiquiátrico na família e na comunidade; baixo custo e reprodutibilidade em outros espaços

Promoção da saúde mental do idoso na atenção básica: as contribuições da terapia comunitária	2010	Texto & Contexto - Enfermagem	Vila Flor/RN	Não	-
Contribuição dos recursos culturais para a terapia comunitária integrativa na visão do terapeuta	2011	Revista Gaúcha de Enfermagem	João Pessoa/PB	Tecnologia do cuidado	Não foi encontrada nenhuma ancoragem para o termo
Promoviendo salud en la comunidad: la terapia comunitaria como estrategia	2011	Revista Facultad Nacional de Salud Pública	Uberaba/MG	Não	-
Psicologia e Saúde: A Terapia Comunitária como Instrumento de Sensibilização para o Trabalho com Comunidades na Formação do Psicólogo	2011	Psicologia: Ciência e Profissão	Campinas/SP	Não	-
Terapia comunitária como recurso de abordagem do problema do abuso do álcool, na atenção primária	2011	Revista Latino-Americana de Enfermagem	Fortaleza/CE	Não	-
Terapia comunitária: cuidado com a família na perspectivado graduando de enfermagem	2011	Acta Paulista de Enfermagem	São Paulo/SP	Não	-
Terapia comunitária: prática relatada pelos profissionais da rede SUS de Santa Catarina, Brasil	2012	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	SC	Tecnologia do cuidado	Inovação da atenção

Enfermagem e a implantação da Terapia Comunitária Integrativa na Estratégia Saúde da Família: relato de experiência	2012	Revista Brasileira de Enfermagem	Fortaleza/CE	Tecnologia de cuidado em saúde mental; tecnologia de baixo custo	Instrumento de atenção psicossocial; estratégia de reabilitação e inclusão social; baixo custo
O Compartilhamento do Cuidado em Saúde Mental: uma experiência de cogestão de um centro de atenção psicossocial em Fortaleza, CE, apoiada em abordagens psicossociais	2012	Saúde e Sociedade	Fortaleza/CE	Tecnologias psicossociais	Continuidade dos grupos; intercâmbio de saberes e fazeres
Contribuições da terapia comunitária integrativa para usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS): do isolamento à sociabilidade libertadora	2013	Cadernos de Saúde Pública	João Pessoa/PB	Tecnologia de cuidado	Não foi encontrada nenhuma ancoragem para o termo
Representação social do terapeuta comunitário na rede SUS	2013	Ciência & Saúde Coletiva	SC	Tecnologia de acolhimento; tecnologia de cuidado	Instrumento de trabalho
Terapia comunitária integrativa: situações de sofrimento emocional e estratégias de enfrentamento apresentadas por usuários	2013	Revista Gaúcha de Enfermagem	João Pessoa/PB	Tecnologia de cuidado	Instrumento de trabalho
Aplicabilidade prática do empowerment nas estratégias de promoção da saúde	2014	Ciência & Saúde Coletiva	*	Usa o termo mas não o associa à TCI	-
Ética em Pesquisa e a Terapia Comunitária Integrativa	2014	Revista da Escola de Enfermagem da USP	*	Tecnologia de cuidado	Instrumento de pesquisa

Práxis interdisciplinar de cuidado em grupo de pessoas que vivem com fibromialgia	2016	Revista Brasileira de Enfermagem	Rio de Janeiro/RJ	Não	-
Representações sociais sobre terapia comunitária integrativa construídas por idosos	2017	Revista Gaúcha de Enfermagem	João Pessoa/PB	Tecnologia de baixo custo; tecnologia de cuidado	Baixo custo e cobre grande grupo populacional
A Terapia Comunitária - criando redes solidárias em um Centro de Saúde da Família	2018	Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental	Fortaleza/CE	Tecnologia leve de cuidado	Baixo custo; facilidade de aplicação
Contribuições de um hospital-dia para as redes de apoio social a pessoas com transtornos mentais	2018	Psicología, Conocimiento y Sociedad	Ribeirão Preto/SP	Tecnologia de intervenção psicossocial	Não foi encontrada nenhuma ancoragem para o termo

Notas: \* Duas publicações não se tratavam de relatos de experiências (o primeiro refere-se à uma revisão integrativa e o segundo a uma pesquisa documental), e, portanto, não inserimos o local da experiência.

Fonte: desenvolvido pelos autores.

## Resultados

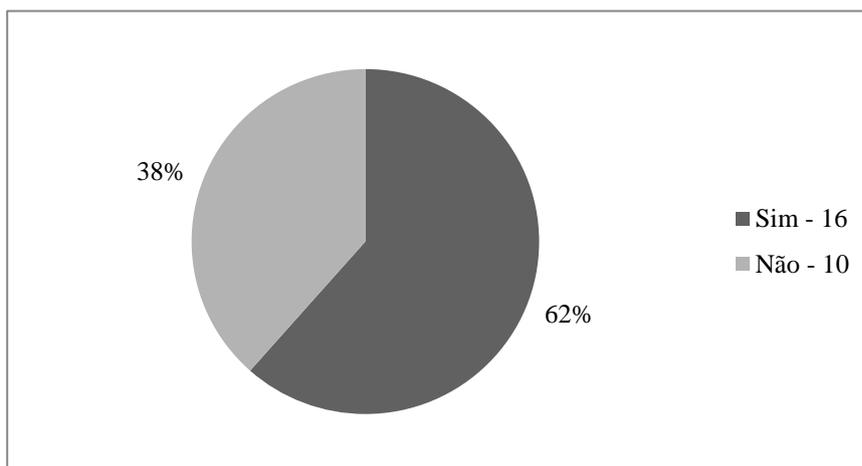
### Terapia Comunitária Integrativa como tecnologia

A maior parte da produção foi publicada em periódicos da enfermagem e refere-se a experiências práticas realizadas no Nordeste, notadamente nos estados do Ceará e da Paraíba, tendo como temas a saúde mental, os serviços de saúde, seguidas de trabalhos com idosos. Os relatos oriundos do Sudeste concentram-se em experiências com ensino no campo da saúde (Medicina, Enfermagem, Psicologia).

Nenhum dos textos consultados relaciona nominalmente a TCI com a TS, embora tenha chamado a atenção o fato de que há menção explícita de TCI como uma tecnologia (Gráfico 1) e essa associação se deu majoritariamente sob a expressão tecnologia de cuidado (Gráfico 2),

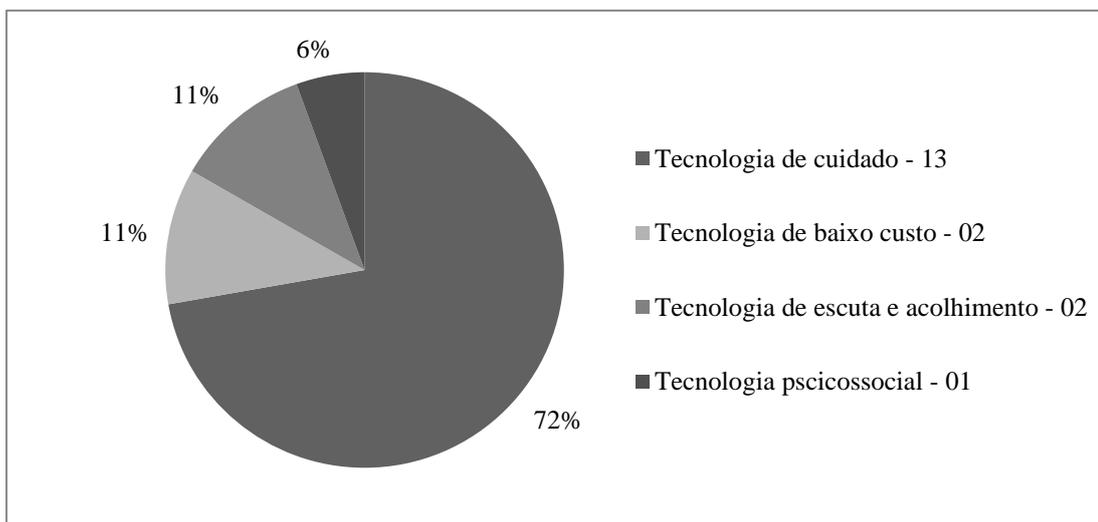
valendo ressaltar que em alguns artigos a TCI foi identificada com mais de um tipo de tecnologia (tecnologia de acolhimento).

**Gráfico 1 - Associação entre TCI e tecnologia**



Fonte: desenvolvido pelos autores.

**Gráfico 2 - Denominação da tecnologia**



Fonte: desenvolvido pelos autores.

Não obstante a qualificação da TCI como uma tecnologia, não se observou a preocupação com a explicitação de uma definição ou mesmo com a metodologia ou a estratégia que sustentariam a prática como uma tecnologia.

Ao reportarem a TCI como uma tecnologia do cuidado, os textos enaltecem suas características humanísticas, contrapondo-as à noção de técnica, como observado no excerto abaixo, em relação ao papel do terapeuta comunitário:

O profissional de saúde exercendo a função de terapeuta comunitário deve relegar seu conhecimento técnico a um segundo plano e suscitar a troca de experiências de vida e um clima de acolhimento para o sofrimento cotidiano relatado pelos usuários participantes de um grupo de TC. Através dessa postura empática é possível que esteja se consolidando uma nova tecnologia para o acolhimento das demandas de saúde (PADILHA; OLIVEIRA, 2013, p. 2212).

Ao trazer à tona tal contraposição entre técnica e humanização, parece estranho falar-se em tecnologia, especificamente em tecnologia de cuidado, considerando que a tecnologia prevê a técnica. O que caracterizaria essa prática enquanto tecnologia? Como os textos consultados não exploraram o uso dessa terminologia, não é possível avançar nessa discussão a partir dos mesmos, recorrendo-se, então, ao debate ao conceito proposto por Merhy (2000), acerca da ideia de tecnologia de cuidado.

Esse autor resgata o termo *tecnologia leve* ao referir-se à dimensão interacional do cuidado, que se destacaria da noção mais comum de tecnologia, relativa a equipamentos e medicamentos (*tecnologia dura*) ou mesmo do que denominou de *tecnologia leve-dura*, correspondente aos saberes estruturados, aos quais os profissionais de saúde lançam mão no seu trabalho. O autor utiliza-se da imagem de uma valise que conteria todas essas tecnologias, a qual o médico recorreria para o desenvolvimento do seu processo de trabalho. O cuidado, nesse sentido, não excluiria, como mencionado no excerto acima, a dimensão tecnológica dura em prol do “lado humanístico” da atenção à saúde, já que não prescindiria de cada uma das tecnologias.

Nesse sentido, não se esperaria que o terapeuta comunitário *relegasse seu conhecimento técnico a um segundo plano* em prol do plano relacional. Além de não abrir mão do conhecimento técnico e da comunicação dialógica, outros saberes também deveriam compor o processo do cuidado, especialmente na TCI, que se apoia substancialmente no conhecimento popular.

A proposta da tecnologia social, de certo modo, parece fomentar esses momentos de síntese posto que, ao mesmo tempo em que tem o compromisso com as demandas e a

relevância social da tecnologia, não perde de vista os aspectos metodológicos da mesma, com vistas à sua disseminação e reaplicação, a qual difere da mera noção de replicação/reprodução de um padrão técnico. A tecnologia social, diferentemente da chamada tecnologia convencional, considera de antemão uma peculiar reapropriação pelos grupos e indivíduos, no seu processo de disseminação (GARCIA, 2014).

Além da disseminação e da incorporação de conhecimentos populares, a tecnologia social pode ser identificada a partir de outras dimensões, a seguir discutida, no âmbito da TCI.

### **Terapia Comunitária Integrativa como tecnologia social**

Se a menção à TCI como tecnologia foi vaga na revisão empreendida, a associação à tecnologia social nem chegou a ser apontada nos textos consultados.

Diante do interesse em conhecer possíveis identificações da TCI com a tecnologia social, procedeu-se à análise dos textos a partir das dimensões propostas pelo ITS (2007), a seguir sintetizada, valendo ressaltar, como dito, que nenhum deles teve o compromisso de fazer articulações com a noção de tecnologia nem tampouco com tecnologia social. A interpretação sobre a aproximação da TCI às dimensões da tecnologia social coube exclusivamente aos autores, a partir do conteúdo dos textos.

Dentre as principais justificativas para a incorporação da TCI nas práticas dos serviços de saúde, seja na atenção básica, seja nos Centros de Atenção Psicossocial, foram encontradas: o baixo custo (ARAÚJO et al, 2018; JATAI; SILVA, 2012; MOURA et al, 2017) a facilidade de aplicação (ARAÚJO et al, 2018), argumentos esses que perpassam o imaginário sobre tecnologia social.

A noção de tecnologia enquanto um meio é ressaltada ao ser identificada como instrumento, seja de cuidado e de trabalho (FERREIRA FILHA; CARVALHO, 2010; ROCHA et al, 2009); de atenção psicossocial (JATAÍ; SILVA, 2012); de sensibilização (FUENTES ROJAS, 2011b) e, curiosamente, como instrumento de pesquisa (SANTOS, 2014).

Outros aspectos afetos à tecnologia social, enunciados pelos textos sobre TCI, são a preocupação com a sua disseminação para a atenção básica (GUIMARÃES; FERREIRA

FILHA, 2006) e a com a continuidade dos grupos (GODOY et al, 2012), referente à sua capacidade de replicabilidade.

Já em sua origem, a TCI foi desenhada com o compromisso de atender a uma demanda social, decodificada por seu precursor, Adalberto Barreto, que entendeu que os problemas da população do território em que atuava não reclamavam atenções isoladas, seja jurídica, seja de saúde mental. A leitura sistêmica da realidade permitiu transitar de uma lógica fragmentada e estritamente técnica, definida por experts, e tomar os problemas a partir do compreensão da realidade a partir de sua complexidade, dinamicidade e na intersubjetividade como condição de construção do conhecimento do mundo (VASCONCELLOS, 2005).

Grande parte dos artigos menciona a abordagem sistêmica como referência das práticas de TCI, entretanto, não as relaciona diretamente e nem dá pistas de como ela se expressaria nas experiências relatadas.

Sendo um importante pilar para a tecnologia social e para os princípios democráticos do SUS, a dimensão da participação também foi perscrutada na revisão, e, ainda que com nuances distintas, todos os textos mencionaram o termo, sobretudo associado à dinâmica interna aos grupos, em que todos tinham voz e vez.

É importante demarcar um aspecto menos valorizado quando se fala em iniciativas grupais, que diz respeito à dificuldade de se constituir um grupo. Padilha e Oliveira (2012, p. 1076), apontam que

...parece ainda não haver uma cultura de grupo entre os usuários e seus familiares, o que corrobora a dificuldade de adesão aos encontros de TC, apontada por Filha e Carvalho (2010).

As autoras associam tal *déficit* na cultura de grupo à falta de corresponsabilização dos usuários pelos processos de saúde-doença, caracterizado por “uma postura de pouco envolvimento na busca de resoluções dos problemas” (PADILHA; OLIVEIRA, 2012, p. 1076).

Tal situação foi é registrada pelas autoras, que relatam a frustração de um dos profissionais que coordenava rodas de TCI, diante do desencontro entre as suas expectativas e a dos participantes da atividade:

(...) os profissionais parecem acreditar que a corresponsabilização dos usuários é o elemento que irá efetivar os objetivos das práticas de saúde; e, por outro lado, os usuários esperam dos profissionais soluções para seus problemas (...) (PADILHA; OLIVEIRA, 2012, p. 1076).

Por outro lado, o depoimento de uma participante de TCI indica a cristalização e precedência do saber técnico em relação ao popular e a ausência de repertório para a construção coletiva de conhecimento:

(...) eu estou aqui com duas profissionais e vocês não trazem nada a mais do que eu já sei? Eu não quero ouvir os meus vizinhos, eu queria saber mais sobre a depressão, sobre os transtornos de ansiedade (*ibidem*).

A prática da participação tem íntima relação com a noção de construção de conhecimento e a TCI observou-se a tendência a práticas pedagógicas mais compartilhadas nas experiências relatadas.

A par dessas ponderações, o Quadro 2 sugere que nos textos analisados, uma das dimensões que tem sido mais valorizada ou que tem tido maior visibilidade, quando situados no escopo da tecnologia social, diz respeito ao empoderamento pessoal.

Embora possa não resultar em transformações sociais mais amplas ou mesmo a participação comunitária cidadã, o empoderamento pessoal pode ser entendido como parte de processos que visam à transformação social, como previsto nos horizontes das tecnologias sociais (ROSO; ROMANINI, 2014).

O destaque para o empoderamento pessoal como um dos principais resultados da TCI é patente em relatos reportados pelos autores:

A Terapia tem ajudado a me achar bonita, me amar, não esperar que os outros olhem para mim... Não ter vergonha de mostrar o que está sentindo... valorizar mais as pessoas, dar valor as minhas atitudes, tudo isso aprendi na terapia” (ESMERALDA) (GUIMARÃES; FERREIRA FILHA, 2006, p. 407).

... a terapia hoje me passou coragem e determinação para suportar meus problemas (ROCHA et al, 2009, p. 692).

A estreita proximidade da TCI às demandas de saúde mental pode justificar a

centralidade no indivíduo e sua subjetividade, observadas no empenho em fomentar capacidades para fazer face às agruras e vicissitudes do ambiente, expressas como resiliência.

Sendo um dos pilares da TCI, a resiliência é abordada por um dos textos consultados como:

Resiliência é um processo dinâmico que resulta na adaptação positiva em contextos de grande adversidade, independente do fator socioeconômico e inteligência, apresentando o papel de desenvolver, ao longo de todo ciclo da vida, a habilidade no indivíduo de sair transformado e fortalecido frente às situações diversas, contribuindo para a qualidade de vida. A resiliência comunitária depende do aspecto cultural e valorativo que afetam o processo de adaptação positiva de cada sociedade (ROCHA et al, 2013, p. 160).

Talvez esse seja um dos nós da TCI em relação às aspirações mais amplas da tecnologia social, considerando que a resiliência, se tomada como mera capacidade adaptativa, pode ser a atitude mais viável em determinados contextos, mas mereceria ser mais cuidadosamente enaltecida nas rodas de TCI. Um foco na resiliência pode remeter a certo conformismo em relação ao *status quo* social, perdendo-se a chance de fomentar uma abordagem mais reflexiva e propícia à conscientização, no sentido de evidenciar o processo crítico em relação aos fenômenos da realidade objetiva, com vistas à transformação social (FREIRE, 1980).

Neste sentido, problematizamos aqui a importância de se atentar para os valores em que estão baseados os fazeres dos terapeutas comunitários e o modo como engendram as práticas junto às comunidades. Enquanto prática de Educação Popular em Saúde, desenvolver a TCI merece especial atenção para o respeito dos princípios do diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, emancipação e compromisso com a construção do projeto democrático e popular.

Por conseguinte, esse fazer deve incorporar a dimensão da ação-reflexão-ação, com vistas a um processo sistemático e contínuo de autocrítica sobre os caminhos trilhados e os resultados alcançados.

Entender esta prática integrativa em saúde enquanto tecnologia social, e, para tanto, cotejar as possibilidades de produção compartilhada de conhecimento, de mobilizar uma

participação cidadã, de gerar uma educação libertadora e de ser pautado pelo compromisso social pode trazer grandes contribuições para o cotidiano do cuidado em saúde na perspectiva da Educação Popular em Saúde.

De todo modo, o alcance de sua potencialidade é dependente dos horizontes que movem a sua realização, ou seja, se se quer utilizá-la enquanto um instrumento de emancipação e cidadania, com ênfase na problematização e ações que transcendem a dimensão individual dos problemas, ou apenas como instrumento para aplacar tensionamentos e alívio de sofrimentos psíquicos.

### **Considerações finais**

O estudo empreendido reforça a proximidade do ideário e das ações da TCI aos pressupostos da tecnologia social, embora não identificada explicitamente como tal na literatura consultada.

Uma das dimensões marcantes da TCI, correspondente à tecnologia social, é a vocação e o compromisso da ação com demandas sociais concretas, visibilizadas tanto na origem da TCI quanto nos relatos das experiências.

Os resultados enfatizaram a contribuição para a autonomia e valorização (autoestima) dos participantes e para a melhoria das relações interpessoais com familiares e amigos, pouco se explorando iniciativas coletivas geradas no grupo para fazer face a problemas de origem notadamente social ou programática. No entanto, tal crítica pode ser extensiva às próprias iniciativas sob essa denominação e que também pouco impactam ou vislumbram impactar em transformações mais amplas, de cunho coletivo ou social, como se observa em parte das iniciativas elencadas no Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil.

Pela sua origem e pelo fato de grande parte dos relatos situarem-se no campo da saúde mental, compreende-se que a TCI enfatize a tônica no indivíduo, mas, no escopo do SUS, da saúde coletiva e da educação popular em saúde, indaga-se sobre as possibilidades e importância de se aproveitar o potencial dessa tecnologia, com vistas à emancipação social.

### **Referências**

ANDRADE, Fábria Barbosa de et al. Promoção da saúde mental do idoso na atenção básica: as

contribuições da terapia comunitária. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 129-136, 2010.

ARAÚJO, Michell Ângelo Marques et al. A Terapia Comunitária: criando redes solidárias em um Centro de Saúde da Família. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 19, p. 71-76, 2018.

BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. **Glossário temático: práticas integrativas e complementares em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

CARVALHO, Mariana Albernaz Pinheiro de et al. Contribuições da terapia comunitária integrativa para usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS): do isolamento à sociabilidade libertadora. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, p. 2028-2038, 2013.

COSTA, Ralphe Cláudio et al. Terapia Comunitária: uma estratégia de saúde mental na atenção básica do município de São José dos Campos-SP. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 3, Supl. 1, p. 77-77, 2009.

DAGNINO, Renato. Apresentação. *In*: DAGNINO, Renato. **Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade**. Campinas: Komedi, 2010. p. 7-24.

FERREIRA FILHA, Maria de Oliveira Ferreira; CARVALHO, Mariana Albernaz Pinheiro de. A terapia comunitária em um centro de atenção psicossocial: (des)atando pontos relevantes. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 232-239, 2010.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FUENTES-ROJAS, Martha. Promoviendo salud en la comunidad: la terapia comunitaria como estrategia. **Revista Facultad Nacional de Salud Pública**, Colombia, v. 29, n. 2, p. 170-181, 2011a.

\_\_\_\_\_. Psicologia e Saúde: a Terapia Comunitária como instrumento de sensibilização para o trabalho com comunidades na formação do psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 420-435, 2011b.

GARCIA, Sylvia Gemignani. A tecnologia social como alternativa para a reorientação da economia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 82, p. 251-275, 2014.

GIANINI, Reinaldo José et al. Prática de Rastreamento no Cenário do Programa Saúde da Família em Sorocaba (SP). **Revista Brasileira de Educação Médica**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 15-22, 2008.

GIFFONI, Francinete Alves de Oliveira; SANTOS, Manoel Antônio dos. Terapia comunitária como recurso de abordagem do problema do abuso do álcool, na atenção primária. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 19, n. spe, p. 821-830, 2011.

GODOY, Maria Gabriela Curubeto et al. O Compartilhamento do Cuidado em Saúde Mental: uma experiência de cogestão de um centro de atenção psicossocial em Fortaleza, CE, apoiada em abordagens psicossociais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, Supl. 1, p. 152-163, 2012.

GUIMARÃES, Fernanda Jorge; FERREIRA FILHA, Maria de Oliveira. Repercussões da terapia comunitária no cotidiano de seus participantes. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 8, n. 3, p. 404-414, 2006.

HOLANDA, Viviane Rolim de; DIAS, Maria Djair; FERREIRA FILHA, Maria de Oliveira. Contribuições da terapia comunitária para o enfrentamento das inquietações de gestante. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 9, n. 1, p. 79-92, 2007.

HORTA, Ana Lúcia de Moraes; CALDEIRA, Nicole Hannes. Terapia comunitária: cuidado com a família na perspectiva do graduando de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 165-171, 2011.

ITS. Instituto de Tecnologia Social. Tecnologia social: o que isso envolve? *In*: ITS. Instituto de Tecnologia Social (Org.). **Conhecimento e Cidadania: Tecnologia Social**. Vol. 1. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 2007. p. 26-41.

ITS. Instituto de Tecnologia Social. Reflexões sobre a construção do conceito de tecnologia social. *In*: FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004. p. 117-134.

JATAI, José Martins; SILVA, Lucilane Maria Sales da. Enfermagem e a implantação da Terapia Comunitária Integrativa na Estratégia Saúde da Família: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 65, n. 4, p. 691-695, 2012.

MERHY, Emerson Elias. Um ensaio sobre o médico e suas valises tecnológicas: contribuições para compreender as reestruturações produtivas do setor Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 6, n. 1, p. 109-116, 2000.

MIRANDA, Nathália Aparecida Costa Guedes et al. Práxis interdisciplinar de cuidado em grupo de pessoas que vivem com fibromialgia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 6, p. 1115-1123, 2016.

MOURA, Samilla Gonçalves de et al. Representações sociais sobre terapia comunitária integrativa construídas por idosos. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 1-6, 2017.

NEDER, Ricardo. Tecnologia social como pluralismo tecnológico. *In: JORNADAS LATINOAMERICANAS DE ESTUDIOS SOCIALES DE LA CIENCIA Y LA TECNOLOGÍA – ESOCITE*, 7., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: RTS, 2008.

OLIVEIRA, Danielle Samara Tavares de; FERREIRA FILHA, Maria de Oliveira. Contribuição dos recursos culturais para a terapia comunitária integrativa na visão do terapeuta. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 524-530, 2011.

PADILHA, Cristina dos Santos; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. Representação social do terapeuta comunitário na rede SUS. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 8, p. 2211-2220, 2013.

PADILHA, Cristina dos Santos; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. Terapia comunitária: prática relatada pelos profissionais da rede SUS de Santa Catarina, Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 16, n. 43, p. 1069-1083, 2012.

ROCHA, Ianine Alves da et al. A terapia comunitária como um novo instrumento de cuidado para saúde mental do idoso. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 5, p. 687-694, 2009.

ROCHA, Ianine Alves da et al. Terapia comunitária integrativa: situações de sofrimento emocional e estratégias de enfrentamento apresentadas por usuários. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 155-162, 2013.

ROSO, Adriane; ROMANINI, Moises. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico. **Psicologia e Saber Social**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 83-95, 2014.

SANTOS, Paula Renata Miranda dos et al. Ética em Pesquisa e a Terapia Comunitária Integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. Esp2, p. 155-161, 2014.

SOUZA, Aline de Jesus Fontineli et al. A saúde mental no Programa de Saúde da Família. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 4, p. 391-395, 2007.

SOUZA, Janaina Medeiros de et al. Aplicabilidade prática do empowerment nas estratégias de promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 7, p. 2265-2276, 2014.  
VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico**. O novo paradigma da ciência. 4. Ed. Campinas/Belo Horizonte: Papyrus Editorial/Editora Puc-Minas, 2005.

VICTOR, Janaína Fonseca et al. Grupo Feliz Idade: cuidado de enfermagem para a promoção da saúde na terceira idade. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 724-730, 2007.

WEBER, Cesar Augusto Trinta; JURUENA, Mario Francisco. Contribuições de um hospital-dia para as redes de apoio social a pessoas com transtornos mentais. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, Montevidéo, v. 8, n. 1, p. 144-161, 2018.

## **INTEGRATIVE COMMUNITY THERAPY AS SOCIAL TECHNOLOGY: ADVANCEMENTS AND CHALLENGES**

### **ABSTRACT**

Social technology has democratic outlooks that aim to satisfy social demands with dialogical and collective knowledge production and solution propositions, sustainability, and assimilation of beneficiaries; therefore, integrative community therapy and social technology have similar assumptions. This paper aims to understand how emancipatory pretensions of this integrative practice are explored, through a literature review in the Scielo database (the collection was done in January 2019) with the term “community therapy”. 26 publications were included. They did not present integrative community therapy as a social technology; however, there were mentioned other references of technology: healthcare technology, low-cost technology, listening and embracement technology, and psychosocial technology. The publications emphasized contributions of this therapy to autonomy, appreciation of participants, and improvement of interpersonal relations with friends and relatives. They did not explore collective proposition to problem solution in programmatic or social dimension. Although the emphasis of integrative community therapy in individual dimension could be explained by its beginning and insertion in mental health field, it is necessary to explore the possibilities of this technology to social emancipation in the scope of the Brazilian Unified Health System (SUS) and collective health field.

**Keywords:** Human Rights Education. Information and communication technologies. Higher education. Fundamental rights. Legal education.

## **TERAPIA COMUNITARIA INTEGRADORA Y TECNOLOGÍA SOCIAL: LOGROS Y RETOS**

### **RESUMEN**

Los presupuestos de la Terapia Comunitaria Integradora se identifican con los de la tecnología social, cuyos horizontes democráticos pretenden atender a demandas sociales, con construcción dialógica y colectiva de conocimientos y de proposición de soluciones, sostenibilidad y apropiación por los beneficiarios. Con el objetivo de aprehender cómo se exploran las pretensiones emancipatorias de esta terapia complementaria, se procedió a la revisión de literatura en la base Scielo, en enero/2019, con el término "terapia comunitaria", obteniéndose 26 textos. Ninguna de las publicaciones presentó esta terapia como una tecnología social, siendo utilizados los términos: tecnología de cuidado, tecnología de bajo costo, tecnología de escucha y acogida y tecnología psicosocial. Las publicaciones enfatizaron la contribución de esta práctica a la autonomía y valorización de los participantes y la mejora de las relaciones interpersonales con familiares y amigos, poco explorando iniciativas colectivas generadas en el grupo para lograr la superación de problemas de origen social o programático. Por su origen y por gran parte de los relatos se situaren en el campo de la salud mental, se comprende que la Terapia Comunitaria Integradora enfatiza la tónica en el individuo, pero, en el ámbito del SUS y de la salud colectiva, se indaga sobre las posibilidades e importancia de aprovechar el potencial de esa tecnología mirando a la emancipación social.

**Palabras clave:** tecnología social; terapias complementarias; terapia comunitaria integradora; prácticas populares en el cuidado de la salud; emancipación social.

---

Recebido em 30 de setembro de 2018 e aprovado para publicação em 04 de fevereiro de 2019.